

Herança assombrada: Espaço e história como repositórios de memória cultural em Gilberto Freyre e Jayme Griz/ *Haunted heritage: Space and story as repositories of cultural memory in Gilberto Freyre and Jayme Griz*

Maria Alice Ribeiro Gabriel*

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Estudos Judaicos da Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais.

 orcid.org/0000-0003-0256-1306

Recebido em 14 abr. 2020. Aprovado em: 18 mai. 2020.

Como citar este artigo:

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Herança assombrada: Espaço e história como repositórios de memória cultural em Gilberto Freyre e Jayme Griz. *Revista Letras Raras*, v. 9, p. 39-50. n. 2, jun. 2020.

RESUMO

Os escritos do reconhecido sociólogo brasileiro Gilberto Freyre constituem um legado referencial em seu campo. Em *Assombrações do Recife Velho* (1955), a contribuição de Freyre abrange áreas interdisciplinares, como a sociologia cultural, a historiografia e a antropologia social. Suas narrativas sobre fantasmas, almas penadas e espectros são igualmente relevantes para os estudos literários e memorialísticos. O propósito deste artigo é apresentar relatos que abordam encontros fantasmagóricos e lugares assombrados, referidos por Gilberto Freyre e Jayme Griz, respectivamente, em *Assombrações do Recife Velho* e *O Cara de Fogo* (1969). O objetivo deste estudo é discutir, comparativamente, tópicos comuns à vida colonial referidos nesses relatos: memórias e experiências traumáticas sobre escravidão, migração e urbanização. A análise indica que histórias de fantasmas e locais considerados assombrados podem servir de repositórios históricos à pluralidade de imaginários sociais ligados ao espaço, memórias, histórias e contos folclóricos, das tradições oral e erudita, retidos na memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: História cultural; Literatura; Memória; Espaço; História de fantasma.

ABSTRACT

The writings of the renowned Brazilian sociologist Gilberto Freyre were a highly influential work for its successors. In *Assombrações do Recife Velho* (1955), Freyre's contribution encompasses interdisciplinary fields, such as the cultural sociology, the historiography, and the social anthropology. His narratives about ghosts, revenants and wraiths are also important for literature researchers as well as for the field of memory studies. The purpose of this article is to present accounts about ghostly encounters and haunted places, referred by Gilberto Freyre and Jayme Griz, respectively in *Assombrações do Recife Velho* and *O Cara de Fogo* (1969). The objective of the present study is to discuss comparatively some common issues of colonial life mentioned in these accounts: traumatic experiences and memories involving slavery, migration and urbanization. The analysis indicates that ghost stories and places considered haunted can serve as historical repositories for a plurality of social imaginaries related to space, memories histories and folktales derived from oral and written traditions of collective memory.

*



rgabriel1935@gmail.com



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i2.1770>

KEYWORDS: Cultural history; Literature; Memory; Space; Ghost story.

1 Introdução

Os estudos memorialísticos têm se dedicado à relação entre memória coletiva e espaço. O aspecto material de uma sala, casa ou paisagem pode agregar diversos valores, inspirando formas imaginativas de se expressar memórias, relatos pessoais e narrativas populares. Ao considerar por que memórias oralmente transmitidas são conservadas por gerações, o filósofo Jeffrey Andrew Barash especificou a magnitude cognitiva da recordação da experiência pessoal:

“O que significa recordar?” Esta questão pode ser tida por lugar comum ao ser confinada ao domínio da evocação de eventos pretéritos da experiência individual; mas mesmo nesse sentido restrito, quando a memória recorda, por exemplo, um primeiro encontro pessoal com o nascimento, ou com a morte, a singularidade da imagem lembrada põe as mais profundas possibilidades do entendimento humano em relevo. (BARASH, 2016, p. 1, tradução nossa).

Quando as histórias de fantasma do Recife surgiram em *Assombrações do Recife Velho*, muitas eram relatos de pessoas entrevistadas por Oscar Melo, repórter policial d’ *A Província* (FREYRE, 2000, p. 29); outras foram brevemente citadas em escritos anteriores, tais como *Casa-grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936). As reflexões de Freyre sobre fantasmas e locais assombrados nessas obras ilustram hábitos coloniais; fatos históricos; crenças populares; “relações do homem com a natureza”, finanças, cultura, religião, família, agregados e escravos:

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as jóias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Às vezes dinheiro dos outros de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. (...) Muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Maçangana, morreu sem saber que destino



tomara a ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. Já ministro em Londres, um padre velho falou-lhe do tesouro que D. Ana Rosa juntara para o afilhado querido. Mas nunca se encontrou um libra sequer. (FREYRE, 1964, p. xxxviii).

O propósito deste artigo é apresentar relatos sobre encontros fantasmagóricos e lugares assombrados, redigidos por Gilberto Freyre e Jayme Griz, respectivamente, em *Assombrações do Recife Velho* (1955) e *O Cara de Fogo* (1969). O objetivo do estudo é analisar, comparativamente, questões do passado colonial nessas narrativas, memórias e experiências traumáticas, envolvendo escravidão, migração e urbanização. Baseados em narrativas orais, relatos pessoais, memórias e eventos históricos, esses textos constituem prolíficas fontes para se examinar as conexões entre a memória de uma sociedade e seus espaços figurativos e materiais. O significado de certos lugares para a memória coletiva pode ser construído, transmitido e ressignificado por meio de elementos simbólicos, bem como pela junção desses símbolos a fatos reais, combinados em uma história de fantasmas.

2 A história por trás da estória

É comum histórias orais sobre casas assombradas ligarem-se a eventos traumáticos, que as pessoas vivenciaram com sofrimento no passado. Em *Assombrações do Recife Velho*, Gilberto Freyre definiu a capital de Pernambuco como uma cidade com efetiva e considerável população de fantasmas. Os relatos da obra foram coletados pelo autor como história oral, em 1929, quando editor do “velho jornal *A província*”. Para a memória coletiva, o fenômeno da assombração surge de catástrofes, desastres e tragédias, segundo refletiu o sociólogo, em *Casa-grande e Senzala*:

O sobrado grande raramente envelhecia sem criar fama de mal-assombrado. O Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Recife, Ouro Preto, Sabará, Olinda, São Cristóvão, São Luís, Penedo – todas essas cidades mais velhas têm ainda hoje seus sobrados mal-assombrados. Num, porque um rapaz esfaqueou a noiva na escada: desde esse dia a escada ficou rangendo ou gemendo a noite inteira. Noutro, por causa de dinheiro enterrado no chão ou na parede, aparece alma penada. Num terceiro, por causa de judiarias do senhor com os negros, ouvem-se gemidos de noite. (FREYRE, 1996, p. 229).



Quando a memória coletiva perpetua histórias de fantasmas, o evento crucial surgiu antes em histórias pessoais, muitas delas relacionadas a espaços e pessoas com fama e poder pessoal. Escrito pelo folclorista e poeta Jayme de Barros Griz, *O Cara de Fogo* inclui interessante gama de histórias de fantasmas. Nascido em 1900, o autor passou a meninice no interior do estado de Pernambuco. Seus contos unem dados históricos, memórias, literatura oral e cultura popular. Os relatos apoiam-se certamente em pesquisas sobre o folclore da região canavieira de antigos engenhos, como Água Preta, Aratinga, Barbalho, Camivou, Cocaupe, Gigante, Gravatá, Liberdade e Mata-Virgem. Os relatos mostram a transformação dos engenhos tradicionais em modernas usinas, do ponto de vista de ex-escravos, migrantes, lavradores, comerciantes e viajantes.

Os arcaicos engenhos são os protagonistas históricos dos contos de Griz, o qual não menciona especificamente nomes de figuras históricas do país ou da região. Em *Assombrações do Recife Velho*, porém, o relato intitulado “O barão de escada, num lençol manchado de sangue” alude a Belmiro da Silveira Lins (1827-1880), senhor dos engenhos Harmonia e Limoeiro, morto durante uma disputa política. As “judiarias do senhor com os negros” é o tema central do relato “O velho Suassuna pedindo missa?”. O espaço em questão concerne a casa-grande pertencente à família de Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque (1760-1827), primeiro Visconde de Suassuna ou Coronel Suassuna, pai do segundo Visconde de Suassuna Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque (1793-1880). O “velho Visconde”, conta Freyre (2000, p. 113), assombrava a propriedade familiar a pedir “perdão aos antigos escravos”.

Sebastião Nery (1998, p. 163) distinguiu dois ramos da família Suassuna: a maioria deles vivendo em Pernambuco; no estado da Paraíba, o autor menciona o pai do escritor Ariano Suassuna (1927-2014), o jornalista, advogado e político João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna (1886-1930), assassinado na Revolução de 1930. O motivo-chave do relato “Um barão perseguido pelo diabo” é a pessoa que ascende socialmente devido a uma transgressão especial, em geral, ligada a fortunas de origem obscura, “vida alegre e descuidada”. Este motivo é comum às culturas erudita e popular, aparecendo usualmente associado com o pacto faustiano. Um dos barões referidos por Freyre (2000, p. 103) nesse relato é um “valente” e decadente herdeiro impelido a sair “a galope pelos ermos, montado num cavalo”, “tarde da noite”, lembrando o célebre relato de Edgar Allan Poe, “Metzengerstein,” publicado em 1832. A

contraparte histórica desta imagem foi também descrita por Freyre (1963, p. 377): “Vilão dono de terras, de gado, de escravos. (...) E até barões ficaram conhecidos noutras províncias do império por ‘barões de tamancos’”. Quando muitos desse barões, viscondes e donos de canaviais foram à bancarrota, suas propriedades, mansões e engenhos foram vendidos ou convertidos em ruínas:

A relativa facilidade de vida na região do açúcar, já afetada pela descoberta das minas, foi declinando ainda mais com o surto do café. Nas cidades, os sobrados dos senhores de engenho mais imprevidentes foram ficando casarões onde já não se renovava a pintura nem se coloriam à moda oriental ou se envernizavam à moda francesa os jacarandás. Os ratos, os morcegos, os mal-assombrados foram tomando conta dessas casas mal cuidadas. Os negros, as caixas de passa, as latas de ervilha, os pianos ingleses, os vinhos franceses – tudo foi ficando mais caro: mais difícil de ser adquirido pelos fidalgos rurais do açúcar. Os fidalgos do açúcar começaram a ser eclipsados pelos do café. (FREYRE, 1996, p. 46).

O gradual declínio na produtividade dos produtores de açúcar na segunda metade do século XIX afetou muitas comunidades rurais, notavelmente devido à abolição do tráfico atlântico de escravos. O período que se seguiu à abolição da escravidão intensificou a migração do campo para as cidades. Matthew Sparke (2013, p. 299-300), professor de Estudos Internacionais e de Geografia na Universidade de Washington, ressaltou a existência de uma extensiva rede de apoio atuando no panorama dos polos de riqueza e pobreza das cidades globais. Isso ocorre porque tais localidades conectam-se melhor a outras cidades globais do que às zonas rurais adjacentes que lhes fornecem alimento, plantações, utilidades e trabalhadores migrantes. Tal conexão apresenta mecanismos próprios de controle social. Cidades globais revelam espaços urbanos desiguais, com locais abandonados e favelas, próximos a áreas bem urbanizadas, com vizinhanças gentrificadas e condomínios fechados.

Esse fenômeno tem raízes no passado. Freyre (1966, p. 46) mencionou: “[...] cidades prósperas com áreas rurais já decadentes como na segunda metade do século XIX, o Norte açucareiro”. No mesmo contexto, as histórias de fantasmas de *Assombrações do Recife Velho* e *O Cara de Fogo* registram o processo gradativo de expropriação e mecanização dos engenhos. No cerne deste evento histórico reside uma série de fatores econômicos e não econômicos, como os interesses de grupos abolicionistas, que determinaram a falência de ricos senhores de terras. O estudo de Selwyn H. H. Carrington (2003) discute o impacto econômico da legislação



após a abolição do tráfico escravo e a subsequente alteração na indústria açucareira e mobilidade social.

Alguns relatos de *O Cara de Fogo* podem ilustrar como a posse de grandes plantações e imponentes propriedades urbanas simbolizou poderio econômico e político. Herdeiros de grandes engenhos do Norte e do Nordeste estavam economicamente arruinados. Em “Assombração no Rio Formoso”, Griz (1969) conta a história de um sobrado abandonado e decrépito, assombrado pelo irascível fantasma de velho senhor de engenho autocrata, que se recusa a abandonar sua casa. Os relatos de Griz ilustram ainda como a mão de obra de escravos libertos foi direcionada a modernas usinas. No entanto, as condições de vida das classes baixas permaneceram difíceis, pois seu trabalho ainda estava nas mãos de emergentes produtores de cana.

Griz (1969, p. 21) representou a presença econômica de migrantes rurais à procura de integração local e oportunidades de trabalho em pequenas cidades e regiões circunjacentes aos engenhos (GRIZ, 1969, p. 51). Desse modo, trabalhadores rurais tornaram-se dependentes dos usineiros, como empregados, mas cultivando uma pequena faixa de terra da usina para subsistir. Griz (1969, p. 23) narra a história do casal de migrantes, Custódio e Conhen, que preferiram morar em “[...] um sítio desocupado, um tanto distante (...) com fama de malassombrado”. Peter L. Eisenberg (1974, p. 212) afirmou que, se as relações entre empregadores e empregados em certas fazendas do Nordeste modernizaram-se após a abolição da escravidão, adotando o sistema de parceria, não fica claro a que ponto essa medida beneficiou os trabalhadores rurais em termos de prosperidade material. Griz mostrou como esses trabalhadores migrantes se tornam contadores de histórias, preservando relatos anônimos, histórias de fantasmas e memórias de família.

As histórias de fantasmas de *O Cara de Fogo* ambientam-se em locais desabitados, inhóspitos, estradas desertas e escuras, matas cheias de malfeitores, espectros, gritos, sussurros, sons estranhos, “gargalhadas”, “tropelias”, animais encantados e luzes misteriosas. Este tipo de assombração não pertence à cidade, “são entes fora-de-portas” referiu Freyre (2000, p. 50).

3 Repositórios de memória cultural



Em *Assombrações do Recife Velho*, os fantasmas urbanos podem ser vistos em sobrados que perderam sua antiga glória, velhas casas com tesouros enterrados, esqueletos emparedados, vozes contando dinheiro e barulho de louça se quebrando. Mas há fantasmas, almas errantes que vagam por cemitérios, ruínas de igrejas, conventos, fortes e mansões: prédios antigos, como o teatro Santa Isabel, espaços públicos onde houve tragédias, a exemplo do massacre de civis sucedido em Recife durante a “A Setembrizada”, em 1831; lugares de execução e valas públicas.

Para Tim Edensor (2005b), espaços arquitetônicos produzem uma experiência histórica, sensorial e imaginativa. Ao comparar fotos de ruínas industriais, Edensor (2005a, p. 16) analisou como diferentes estágios e temporalidades de decadência ligados a processos de restauração, renovação, demolição e dissolução afetam a percepção da forma original de espaços arruinados.

O historiador James Davidson (2014) escreveu sobre as várias representações pictóricas e fotográficas da casa-grande de Megaípe, provavelmente a maior relíquia da época colonial de Pernambuco. Freyre incluiu uma litografia da velha casa na primeira edição de *Casa-grande e Senzala*. Importantes escritores e acadêmicos, como José Mariano Filho e Julio Bello, lamentaram a perda desse patrimônio cultural. Os poetas Manuel Bandeira e Ascenço Ferreira retrataram em versos suas impressões e emoções sobre a casa-grande. O registro fotográfico de Megaípe foi feito por Armando Oliveira, Beroaldo Mello e Ulysses Freyre. Os pintores Manuel Bandeira (homônimo do poeta), Alfredo Norfini, Fedora do Rego, Mario Nunes e Monteiro Fernandez criaram reconstituições artísticas dessa parte da memória nacional. Davidson citou ainda o documentário de José Walsh Rodrigues, filme que explorou o projeto arquitetônico de Megaípe.

Imagem 1 - O antigo Solar de Megaípe, casa-grande do Engenho Megaípe (fundado antes de 1623) que foi dinamitada em 1928. Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, Brasil.



Fonte: Wikipedia commons.

A destruição da casa-grande de Megaípe deixou uma lacuna irreparável na memória da herança arquitetônica do país. Em 1928, João Lopes de Siqueira Santos, dono do engenho, fez dinamitar a velha casa, para evitar o tombamento oficial e definitivo desse patrimônio histórico. Mikkel Bille, Frida Hastrup e Tim Flohr (2010) compararam a noção antropológica de ausência com o fenômeno fisiológico da “dor fantasma”, “experiência de algo que é materialmente ausente”.

“Também no plano social, pessoas experienciam ‘dores fantasmas’, por sentir de algum modo a presença de pessoas, lugares e coisas obliterados, perdidos, ausentes ou que ainda não se materializaram” (BILLE; HASTRUP; FLOHR, 2003, p. 3, tradução nossa). Edensor (2005a) explicou como explorar certos espaços pode estimular a memória afetiva. Bille, Hastrup e Flohr (2010, p. 3-4, tradução nossa) ressaltam que: “[...] os elementos ausentes são perceptivo-ideacionais, emocionalmente presentificados para as pessoas, e são articulados e materializados de vários modos por meio de narrativas, comemorações, encenações de experiências passadas ou visualizações de cenários futuros”. Nesse sentido, fantasmas e espaços são similares a repositórios de conhecimentos e memórias:

Os mal-assombrados das casas grandes se manifestam por visagens e ruídos que são quase os mesmos por todo o Brasil. Pouco antes de desaparecer, estupidamente dinamitada, a casa-grande de Megaípe, tive ocasião de recolher, entre os moradores dos arredores, histórias de assombrações ligadas ao velho solar do século XVII. Eram barulhos de louça que se ouviam na sala de jantar; risos alegres e passos de dança na sala de visitas; tilintar de espadas, ruge-ruge de sedas de mulher; luzes que se acendiam e se apagavam de repente por toda a casa; gemidos; rumor de correntes se arrastando; choro de menino; fantasmas do tipo cresce-míngua. Assombrações semelhantes me informaram no Rio de Janeiro e em São Paulo povoar os restos de casas-grandes do vale do Paraíba. E no Recife, da capela da casa-grande que foi de Bento José da Costa, assegura-me um antigo morador do sítio que toda noite, à meia-noite, costuma sair montada num burro, como Nossa Senhora, uma moça muito bonita, vestida de branco. Talvez a filha do velho Bento que ele por muito tempo não quis que casasse com Domingos José Martins, fugindo à tirania patriarcal. Porque os mal-assombrados costumam reproduzir as alegrias, os sofrimentos, os gestos mais característicos da vida nas casas-grandes. (FREYRE, 1986, p. xxxix-xl).

A literatura folclórica é domínio prolífico para o contador de histórias. É o ancião que transmite aos filhos, sobrinhos e netos, fatos do cotidiano e do passado, a história de vida de uma pessoa ou grupo. É ele que conta histórias sobre lugares desaparecidos, antigos labores, experiências pessoais, pessoas falecidas e o sobrenatural, além do simples significado de um registro histórico. Pessoa de Morais (1969, p. 10) distinguiu na prosa de Griz uma técnica narrativa para reproduzir “um tempo psicológico ou sociológico” cujos vestígios ainda permanecem gravados na memória dos contadores de histórias e membros de uma comunidade rural. Freyre referiu como fontes orais de informação pessoas mais velhas:

Foi trabalho que realizei em condições difíceis – comendo uma vez por dia e morando só e isolado numa casa – que ainda existe – à Estrada do Encanamento, então de propriedade de meu irmão Uysse, onde ele e eu, solteiros, residimos durante alguns anos. Em 1932 ele já era homem casado. Cedeu-me aquela casa meio abandonada e a família concordou que durante o dia ficasse a meu serviço o velho Manuel Santana, preto nascido ainda no tempo da escravidão e durante longo tempo membro, por assim dizer, da nossa família; e de certo modo meu colaborador, através de informações orais, na elaboração do livro *Casa-Grande & Senzala*. Muito aprendi desse como de outros Manuéis, como ele pretos e senão escravos, descendentes de escravos, nascidos em senzalas ou à sombra de casas-grandes, no tempo, ainda, da escravidão. (FREYRE, 1968, p. 132).

As histórias de Freyre e Griz coletadas de descendentes de escravos e migrantes rurais encerram fatores sociais relacionados à construção da memória coletiva. Cada contador de

histórias tem um importante papel para forjar a identidade cultural, estórias e tradições de uma comunidade. *Assombrações do Recife Velho* e *O Cara de Fogo* preservam uma coleção de relatos pessoais e narrativas populares contadas por descendentes de escravizados, migrantes ou moradores locais que testemunharam as variações na paisagem e nas propriedades de senhores de escravos. Em certa medida, as obras de Freyre e Griz se complementam, iluminando mecanismos de integração entre migrantes e aspectos específicos da urbanização de Recife.

Conclusão

Este estudo analisou histórias de fantasmas em *Assombrações do Recife Velho* e *O Cara de Fogo* pensadas como um tipo de fonte histórica. Cabe ressaltar que nem todos os relatos que sobreviveram, considerados fontes primárias pelos autores, são admitidos como historicamente válidos. A cultura popular é sistema dinâmico e plural, que interage com a subjetividade humana e a história. Quando um relato prevalece na cultura oral, transmitido por certo tempo em um grupo ou sociedade, sua história não é fruto das recordações e experiências de uma única pessoa. Narrativas que migraram de uma região a outra assimilam novos motivos e temas, conforme a cultura local. Nessa situação, consciente ou inconscientemente, a imaginação pode ser uma alternativa para a reconfiguração de uma experiência traumática pessoal ou coletiva.

Narrativas orais podem reproduzir artisticamente a memória, repertório cultural e ainda as emoções do autor sobre certo assunto. O memorialista Pedro Nava (1974, p. 41) comparou a memória voluntária a um “puzzle” incompleto, empregado para reconstituir o cenário de figuras e eventos históricos. A demolição de uma casa pode revelar peças desse quebra-cabeça ou enigma:

Em várias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco, se tem encontrado em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d’ Ávila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num recanto de parede, “verdadeira fortuna em moedas de ouro”. Noutras casas-grandes só se tem desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades. (FREYRE, 1986, p. xxxviii-xxxix).



Alguns excertos dos escritos de Freyre e Griz citados neste estudo contêm certamente elementos autobiográficos distintos, integrados à descrição objetiva de fatos históricos. O registro de memórias e eventos significativos nas narrativas de Freyre e Griz é característica distintiva do gênero memórias, que possui componentes históricos e literários. No ambiente rural em que Freyre (1996, p. 30) e Griz (MORAIS, 1969, p. 12) cresceram, convivendo com ex-escravos e descendentes de escravos, eles puderam ouvir e aprender deles contos folclóricos, histórias de fantasmas, memórias e relatos sobre a escravidão.

Tal repertório, enriquecido por uma série de experiências e leituras literárias, descreve eventos históricos com perspectivas autorais diversas. Em “A velha branca e o bode vermelho” Freyre (2000, p. 107-112) narrou episódios autobiográficos de sua infância, entremeados a recordações de relatos de vizinhos (“o zunzum da vizinhança”) e de elementos maravilhosos (“história da carochinha”). Assim, os inúmeros eventos, figuras, experiências de vida e lugares assombrados referidos pelos autores, não são percebidos de um único ponto de vista. Em alguns casos, memórias coletivas sobre locais históricos interpretam a representação social de um cenário particular tornando-o parte de uma mensagem cultural:

Ao declínio do poder político do particular rico – poder de que fora sede cada casa-grande ou sobrado mais senhorial, mais importante ou mais nitidamente patriarcal em seus característicos – correspondeu o aumento de poder político público, encarnado por órgãos judiciais, policiais ou militares ou simplesmente burocráticos do governo monárquico e, depois, do republicano, não raras vezes instalados em antigas residências patriarcais como em ruínas de fortalezas conquistadas a um inimigo poderoso: desses que, mesmo depois de vencidos, se fazem notar pelas sobrevivências ou aparências do seu antigo poder. (...) O sobrado patriarcal se impôs naqueles (...) expressivos casos, aos triunfadores de 89 pela solidez de sua nobreza arquitetônica. (FREYRE, 1996, p. lxxi-lxxii).

Histórias de fantasmas e locais assombrados tornam presentes traços de narrativas históricas e conferem temporalidade “para a sobrevivência” de recordações de pessoas ausentes, experiências de vida, atos de reparação e perdas irreparáveis.

Referências

- BARASH, J. A. *Collective Memory and the Historical Past*. Chicago: The University of Chicago Press, 2016.
- CARRINGTON, S. H. H. *The Sugar Industry and the Abolition of the Slave Trade, 1775-1810*. 1st ed. Gainesville: University of Florida Press, Springer, 2003.
- BILLE, M.; HASTRUP, F.; FLOHR, T. Introduction: An Anthropology of Absense. In: _____. (Ed.). *An Anthropology of Absense: Materializations of Transcendence and Loss*. 1st ed. New York: 2010, p. 3-22.
- DAVIDSON, J. Megaípe na pintura. *Jaboatão dos Guararapes Redescoberto*. 2014. Disponível em: [<http://www.jaboataoguararapesredescoberto.com/2014/11/megaípe-na-pintura.html>]. Acesso em: 14 de abr. 2020.
- EDENSOR, T. *Industrial Ruins: Space, Aesthetics and Modernity*. Oxford: Berg, 2005a.
- _____. The Ghosts of Industrial Ruins: Ordering and Disordering Memory in Excessive Space. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 23, n. 6, p. 829-849, 2005b.
- _____. Waste matter – the debris of industrial ruins and the disordering of the material world. *Journal of Material Culture*, v. 10, n. 3, p. 311-322, 2005c.
- EISENBERG, P. L. *The Sugar Industry in Pernambuco: Modernization Without Change, 1840-1910*. Berkeley: University of California Press, 1974.
- FREYRE, G. *Assombrações do Recife Velho*. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- _____. *Casa-grande e Senzala*. 9.ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- _____. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora da Universidade, 1968.
- _____. *Sobrados e Mucambos*. 1.º Tomo. 11.ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964.
- GRIZ, J. *O Cara de Fogo*. 1.ª ed. Recife: Museu do Açúcar, 1969.
- MORAIS, P. Introdução. In: GRIZ, J. *O Cara de Fogo*. 1.ª ed. Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 9-16.
- NAVA, P. *Baú de Ossos*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.
- NERY, S. *A eleição da reeleição*. Histórias, estado por Estado. 1ª ed. São Paulo: Geração editorial, 1999.
- SPARKE, M. *Introducing Globalization: Ties, Tensions, and Uneven Integration*. 1st ed. Oxford: Wiley Blackwell, 2013.

